

1
2023 Cultura
artística



COMBATTIMENTO
CONSORT AMSTERDAM
QUIRINE VIERSEN Violoncelo

VIAJAR DE FÉRIAS PELO BRASIL OU EXTERIOR?

TOME UMA DECISÃO QUE VAI
INFLUENCIAR TODAS AS OUTRAS.

ASSINE O ESTADÃO.



QUER
SABER MAIS?
ASSINE
ESTADÃO

0800 014 9000
estadão.com.br/assine

O Ministério da Cultura e a Cultura Artística apresentam

**COMBATTIMENTO
CONSORT AMSTERDAM**
QUIRINE VIERSEN Violoncelo



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura



COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM

Criado em 1982 pelo violinista Jan Willem de Vriend, o Combattimento Consort Amsterdam (CCA) é uma formação que se dedica exclusivamente à música composta entre 1600 e 1830. O nome do conjunto parece evocar Monteverdi e seu *Il combattimento di Tancredi ed Clorinda*, madrigal por muitos considerado modelo da fluidez e imaginação criativa dos primórdios do barroco, protótipo da música dramática do século XVII. Na esteira das novas soluções musicais propostas pelo “patrono”, o grupo arrisca e procura franquear o repertório a programas inusitados, executando obras notáveis, ainda que pouco conhecidas — algumas ainda não publicadas, disponíveis apenas em manuscritos. A execução dessas peças, de par com outras mais familiares, resulta numa combinação *sui generis* que costuma ser a marca do conjunto.

Ao longo dos anos, o CCA ofereceu memoráveis concertos e performances de ópera, como *Rodelinda*, *Alcina* e *Orlando*, as três de Handel; *L’Orfeo*, de Monteverdi — uma das primeiras obras a ser catalogada como ópera —, e a comédia lírica *Platée*, de J.P. Rameau. As apresentações do grupo não se limitam aos Países Baixos e à Europa: nos últimos anos, os músi-

cos excursionaram pelos Estados Unidos, Japão e América do Sul.

Em seus concertos, o grupo costuma destacar como solistas os integrantes do próprio CCA, embora já tenha atuado com artistas como Sol Gabetta, Andreas Scholl, Thomas Zehetmair, Nancy Argenta e Barbara Booney, entre outros; por outro lado, seus membros estão sempre inclinados a acolher jovens cantores talentosos.

Fundador do grupo, Jan Willem de Vriend é seu diretor artístico, função que também exerce na Nederlands Symfonieorkest (Orquestra Sinfônica Holandesa), da qual acumula o cargo de diretor residente desde 2006. Depois de ter atuado como *spalla* em diversos *ensembles*, De Vriend desenvolveu sua carreira de maestro em diversas orquestras (Bélgica, Itália, Suécia, Alemanha, China, Austrália...), tendo se sobressaído também como inventivo diretor de ópera (de desconhecidas obras de Gassmann, Heintzen e Haydn, aos *hits* de Monteverdi, Rossini, Verdi e Mozart). A partir de janeiro de 2014, depois de 32 anos à frente do CCA, De Vriend passará a concentrar seu trabalho em suas atuações como regente de orquestra, desvinculando-se da formação que iniciou.





DIVULGAÇÃO

COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM

JAN WILLEM DE VRIEND Direção artística

PRIMEIROS VIOLINOS

Jan Willem de Vriend *Spalla*
Reiner Reijngoud
Ronald Hoogeveen
Tijmen Huisingh

SEGUNDOS VIOLINOS

Christian Duindam
Saskia Bos
Quirine van Hoek

VIOLAS

Eva Suslikova
Marjolein Dispa

VIOLONCELO

Eric de Wit

CONTRABAIXO

Eric Olsman

CAVO

Pieter Dirksen

FLAUTA

Raymond Honing

OBOÉS

Xabier Lijo Bilbao
Vicki Laws

FAGOTE

Jos Lammerse

TROMPAS

Herman Jeurissen
Renske Wijma

SAIBA MAIS

O CCA gravou cerca de quinze discos, dentre os quais o oratório *La resurrezione*, de G.F.Handel, e *Der Stein der Weisen* (A pedra filosofal), ópera escrita a várias mãos, inclusive com a colaboração de Mozart. Em 2004, o grupo fez uma extensa turnê pela Europa, com a ópera *Agrippina*, de Handel.

QUIRINE **VIERSEN**

Quirine Viersen começou a estudar violoncelo com seu pai, violoncelista da Orquestra Real do Concertgebouw Amsterdam; mais tarde, no conservatório, teve aulas com Jean Decroos e Dmitri Ferschtman, encerrando seus estudos em 1997, no Mozarteum de Salzburgo, com o renomado instrumentista austríaco Heinrich Schiff.

A década de 1990 foi decisiva para a projeção da jovem holandesa — foi quando ela ganhou diversos prêmios, seja no âmbito nacional como internacional: em 1990, em Paris, o Rostropovich; em 1991, em Helsinque, o Concurso Internacional de Violoncelo; em 1994, em Moscou, o Concurso Tchaikóvski (foi a primeira instrumentista de seu país a receber a distinção); nesse mesmo ano foi contemplada com o Prêmio de Música dos Países Baixos. Em 2000, foi a vez do Credit Suisse Young Artist Award, que então lançava a primeira edição da honraria — entregue a cada dois anos a jovens solistas, está associado à Filarmônica de Viena, à vienense

Gesellschaft der Musikfreunde (Sociedade dos Amigos da Música) e ao Festival de Lucerna: além da bolsa, o primeiro colocado toca com a Orquestra Filarmônica de Viena (a Quirine coube um inesquecível concerto com Zubin Mehta).

A partir de então, a violoncelista não só vem se apresentando com importantes orquestras e regentes, como também é requisitada por orquestras de câmara, com as quais frequenta com regularidade festivais como o de Delft, nos Países Baixos; o de Stavanger e o de Risør, na Noruega; Mondesee, na Áustria, como também os de Lucerna e Salzburgo.

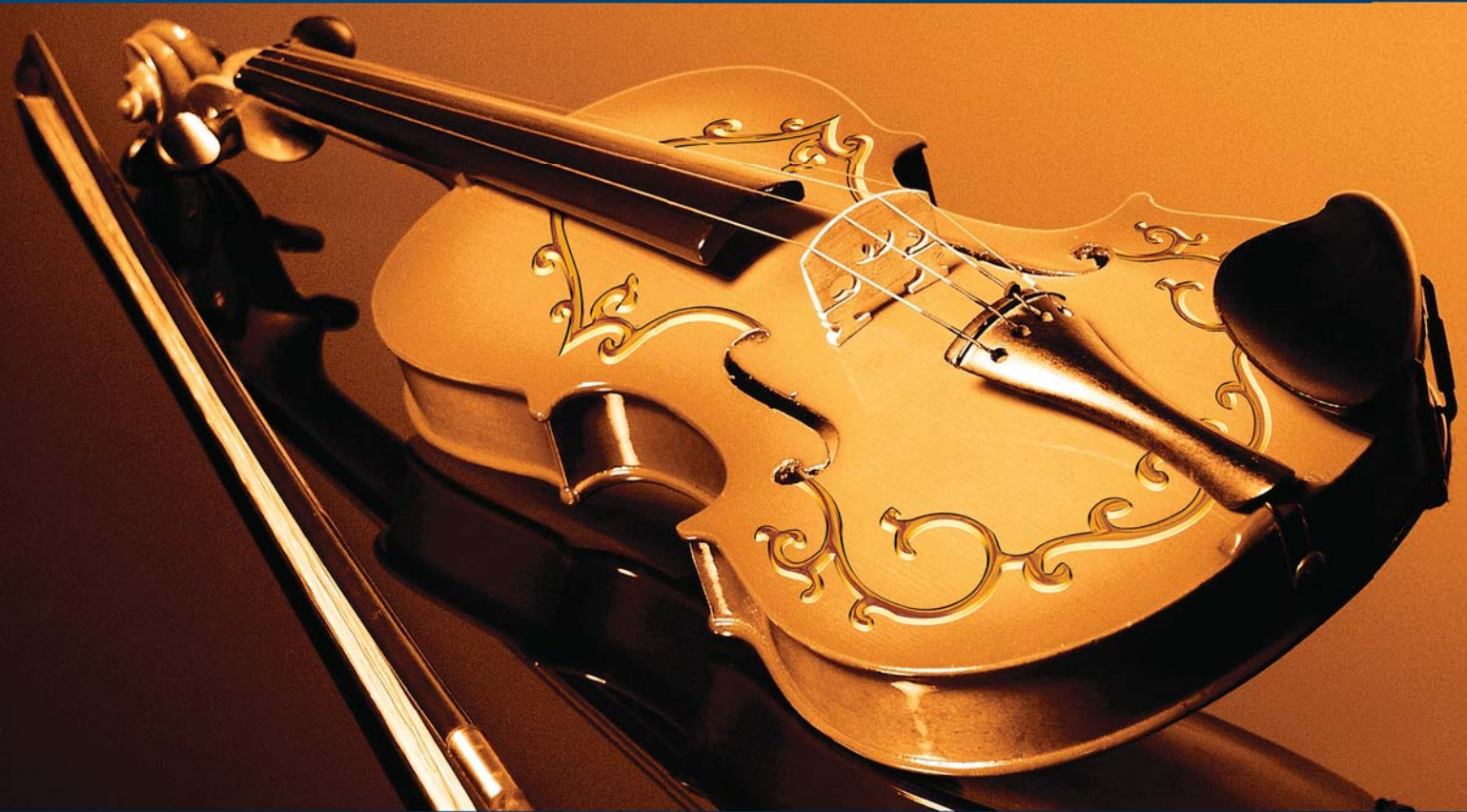
Desde 1996, Quirine Viersen forma um duo com a pianista alemã Silke Avenhaus, com quem gravou cinco CDs, abrangendo peças que vão do romantismo à música contemporânea — sobre a execução de ambas da *Polonaise brillante* de Chopin, um crítico afirmou que “parecem pobres as exigências técnicas da obra” quando executadas pelas duas virtuosas... (*Magazine Fono Forum*)

SAIBA MAIS

Em 2011, Quirine fez uma turnê pelos Países Baixos, levando as *Seis suítes para violoncelo*, de Bach, gravadas num CD que saiu pela Globe; em seguida, lançou os dois concertos de Haydn para *cello* com o CCA, pelo selo Etcetera.



Apoiar a cultura também faz parte da tradição do Safra.



O Banco Safra tem contribuído para o resgate, preservação e divulgação da cultura no país. Ao longo dos anos, vem apoiando projetos e manifestações artísticas, valorizando a riqueza e a diversidade cultural do povo brasileiro.



Banco Safra

Tradição Secular de Segurança

Cultura Artística

TEMPORADA 2013



PATROCINADORES MASTER



PATROCINADORES PLATINA



PROJETOS EDUCATIVOS

PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



REALIZAÇÃO



CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 125, Cj. 12 01303-010 São Paulo SP Brasil Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br

Teatro Cultura Artística

Agradecemos a todos que têm contribuído, de diversas maneiras, para o esforço de construção do novo Teatro Cultura Artística.

PATROCINADORES



Bradesco



BNDES

CREDIT SUISSE



SEMP TOSHIBA

PRINCIPAIS DOADORES

(R\$ 5.000,00 ou mais)

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Aggrego Consultores
Aíron Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luís Fleury Matheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Arnaldo Matheiros
Arsenio Negro Jr.
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Bicbanco
Bruno Alois Nowak
Calçados Casa Eurico
Camargo Correa
Camilla Telles Ferreira Santos
Carlos Nehring Netto
CCE
Center Norte
Cláudio e Rose Sonder
Cleômenes Mário Dias Baptista (i.m.)
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elias Victor Nigri
Elisa Wolynech
EMS
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Fanny Ribenboin Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sílvia Pinho de Almeida
Francisca Nelida Ostrowicz
Francisco H. de Abreu Maffei

Fundação Filantrópica Arymax
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Heinz J. Gruber
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Idort/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcântara Machado de Oliveira
Jorge Diamant
José Carlos e Lucila Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Ephim Mindlin
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Livio De Vivo
Luís Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
Mahle Metal Leve
Maria Adelaide Amaral
Mária Bonomi
Maria Helena de Albuquerque Lins
Marina Lafer
Mário Arthur Adler
Martha Diederichsen Stickle
Michael e Atina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Natura

Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oi Futuro
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Polimold Industrial S.A.
Porto Seguro
Raphael Pereira Crizanoto
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Richard Barczinski
Roberto Baumgart
Roberto e Luizila Calvo
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Tauffic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Sílvia Dias Alcântara Machado
Stela e Jayme Blay
Suzano
Tamas Makray
Theodoro Jorge Flank
Thomas Kunze
Thyrso Martins
Unigel
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Vivian Abdalla Hannud
Volkswagen do Brasil Ind. de Veículos Automotores Ltda.
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
3 Doadores Anônimos

Gostaríamos de agradecer também as doações de mais de 200 empresas e indivíduos que contribuíram com até R\$ 5.000,00. Lamentamos não poder, por limitação de espaço, citá-los nominalmente.

REALIZAÇÃO

Cultura Artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

AMIGOS DA CULTURA ARTÍSTICA

Agradecemos a todos que contribuem para tornar realidade os espetáculos e projetos educativos promovidos pela Cultura Artística.

MANTENEDORES

Adélia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Carlos Eduardo Mori Peyser
Carlos Nehring Netto
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Cristian Baumgart Stroczyński
Cristina Baumgart
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fernando Eckhardt Luzio
Francisco H. de Abreu Maffei
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Henri Philippe Reichstul
Henri Stezynger
Henrique e Michelle Tichauer
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jean Claude Ramirez
Jorge Takla
José Carlos Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martínez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
José Thales S. Rebouças
Katil Cury Filho
Karin Baumgart Srougi
Lea Regina Caffaro Terra
Lina Saigh Maluf
Lucia Hauptman
Luís Stuhlberger
Marcelo Pereira Lopes de Medeiros
Marcia Igel Joppert
Marcos Baumgart Stroczyński

Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mário Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Jr.
Nelson Pereira dos Reis
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart
Paula e Hitoshi Castro
Paulo Bruna
Pedro Barros Barreto Fernandes
Pedro Herz
Pedro Stern
Raul Sergio Hacker
Regina e Gerald Reiss
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Baumgart
Roberto e Luizila Calvo
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Ruy Souza e Silva
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sandra Arruda Grostein
Silvia e Fernando Carramaschi
Stela e Jayme Blay
Tamas Makray
Thomas Kunze
Ursula Baumgart
Vivian Abdalla Hannud
Wolfgang Knapp
6 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram e Clarice Topczewski
Alberto Emmanuel C. Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Álvaro Oscar Campana
Ana Elisa e Eugenio Staub Filho
Ana Maria Malik
André Guyvarch
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Malaghini
Antonio Kanji Hoshikawa
Arnaldo Malheiros
Arnoldo Wald
Augusto Livio Malzoni
Caçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cassio Augusto Macedo da Silva
Claudia Annunziata G. Musto
Claudia Helena Plass

Claudia Proushan
Claudio Alberto Cury
Claudio Antonio Mesquita Pereira
Claudio e Selma Cernea
Consuelo de Castro Pena
Dario e Regina Guarita
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo Secchi Munhoz
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolynech
Eric Alexander Klug
Fábio Konder Comparato
Fany e Alberto Levy
Fernando K. Lottenberg
Francisco J. de Oliveira Jr.
Francisco Montano Filho
Galícia Empreend. e Participações Ltda.
Giancarlo Gasperini
Gustavo Henrique Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Heloisa e José Eduardo Martins
Henrique B. Larroudé
Horácio Mario Kleinman
Irene Kantor
Isaac Popoutchi
Issei e Marcia Abe
Izabel Sobral
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas da Silva
Jeanete e Bruno Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Jorge José Proushan
José Adolfo Pascowitch
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Francisco Kerr Saraiva
José Paulo de Castro Emsenhuber
José Theophilo Ramos Jr.
Júlia Menezes Profeta
Junia Borges Botelho
Karen Lisboa e Claudio Struck
Katalin Borger
Kristina Arnhold
Leo Kupfer
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Salomão
Livio De Vivo
Lourenço Augusto de Meireles Reis
Luci Banks Leite
Lúcia e Nemer Rahal
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Malú Pereira de Almeida
Marcello D. Bronstein
Marcelo de O. M. Diniz Junqueira
Marco Tullio Bottino
Marcos de Mattos Pimenta

Maria Helena Peres Oliveira
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Marilene Melo
Mario Roberto Rizkallah
Marta D. Grostein
Michael Haradom
Miguel Paulo Salomão Jardim
Natan e Irene Berger
Nélio Garcia de Barros
Nelson Vieira Barreira
Olavo Setúbal Jr.
Oscar Lafer
Paula Proushan
Paulo Cezar Aragão
Paulo Proushan
Paulo Roberto Pereira da Costa
Pedro Spyridion Yannoulis
Percival Lafer
Polia Lerner Hamburger
Raul Correa da Silva
Regina Weinberg
Renata e Sergio Simon
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Rubens Halaban
Sergio Gonçalves de Almeida
Sílvia Dias Alcântara Machado
Suzana Pasternak
Thomas Frank Tichauer
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vavy Pacheco Borges
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
15 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Antonio Cardoso
Carmen Guarini
Celia Prado
Daniela e Frederico Carramaschi
Edoardo Rivetti
Eliana R. Marques Zlochevsky
Eugenio Suffredini Neto
Israel Sancovsky
Lucila Pires Evangelista
Maria Francisca Sachs
Mauro André Mendes Finatti
Mity Hori Kato
Ricardo A. E. Mendonça
Ricardo Di Rienzo
Rodrigo O. Broglia Mendes
Rogério Woisky
Sergio Luiz Macera
6 Jovens Amigos Anônimos

97%
das empresas
globais listadas
na Fortune 500

Obtêm melhores resultados com Oracle

ORACLE®

oracle.com/industries
ou ligue para 0800 891-4433

COMBATTIMENTO
CONSORT AMSTERDAM

QUIRINE **VIERSEN** Violoncelo

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo, 2 de novembro, sábado, 21h

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo, 6 de novembro, quarta-feira, 21h

W. A. MOZART (1756-91)

Divertimento nº 11 em ré maior, K. 251 c. 25'

- I. Molto allegro
- II. Menuetto
- III. Andantino
- IV. Menuetto (Tema con variazioni)
- V. Rondo (Allegro assai)
- VI. Marcia alla francese

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Concerto para violoncelo nº 1 em dó maior, Hob: VIIb/1 c. 25'

- I. Moderato
- II. Adagio
- III. Allegro molto

Violoncelo: **Quirine Viersen**

Intervalo

JEAN-PHILIPPE RAMEAU (1683-1764)

Les boréades (suíte) c. 30'

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Sinfonia nº 44 em mi menor, Hob: I/44 "Fúnebre" c. 23'

- I. Allegro con brio
- II. Menuetto: Allegretto
- III. Adagio
- IV. Finale: Presto

Cultura
artística

1
2013

Temporada 2014 — Sala São Paulo, 21h

8 e 9 de abril

NELSON FREIRE Piano

12 e 13 de maio

ORQUESTRA SINFÔNICA DA RÁDIO DA BAVIERA

MARISS JANSONS Regência

MITSUKO UCHIDA Piano

27 e 28 de maio

QUARTETO EMERSON

2 e 3 de junho

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA CHINA

LI XINCAO Regência

LI BIAO Percussão

11 e 13 de agosto

ELISSO VIRSALADZE Piano

24 e 25 de agosto

JOYCE DIDONATO Mezzosoprano

8 e 9 de setembro

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE DRESDEN

MICHAEL SANDERLING Regência

CAROLIN WIDMANN Violino

14 e 17 de setembro

ORQUESTRA SINFÔNICA DE LUCERNA

JAMES GAFFIGAN Regência

RENAUD CAPUÇON Violino

8 e 11 de outubro

ORQUESTRA DE CÂMARA DE BASILEIA

GIOVANNI ANTONINI Regência

SOL GABETTA Violoncelo

11 e 13 de novembro

ENSEMBLE ARTASERSE

PHILIPPE JAROOUSSKY Contratenor

Informações www.culturaartistica.com.br.

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2013 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

4003 1212 | **ingresso rápido**
ingressorapido.com.br
Sujeito a taxa de conveniência

Siga a Cultura Artística no Facebook

 facebook.com/culturaartistica

SUA MELHOR ESCOLHA

- ▶ Uma das Big 5
- ▶ Líder no middle market
- ▶ Mais de 15 escritórios no Brasil
- ▶ Audit | Tax | Advisory



www.facebook.com/bdobrazil



www.twitter.com/bdobrazil



www.bdobrazil.com.br



O CONCERTO DESTA NOITE

Irineu Franco Perpetuo

irineup@hotmail.com



W. A. MOZART (1756-91)

Divertimento nº 11 em ré maior, K. 251

No século XVIII, música era uma ocupação que se transmitia de pai para filho, e Leopold, instrumentista da corte de Salzburgo, foi agraciado com não apenas um, mas dois rebentos dotados para as artes de Euterpe. Quando, em 1762, Leopold começou a empreender as jornadas nas quais pretendia exhibir os talentos dos pequenos Mozart, levou consigo Wolfgang, o prodígio de seis anos de idade, e também sua irmã, cinco anos mais velha — Maria Anna Walburga Ignatia (1751-1829), carinhosamente apelidada de Nannerl. “O senhor pode imaginar qual a impressão e o espanto dos franceses apaixonados pela etiqueta da corte quando as filhas do rei, seja em seus aposentos seja pelos corredores, quedavam-se admirando minhas crianças, aproximando-se delas, e não somente deixavam que lhes beijassem as mãos, como também elas próprias lhes beijavam as mãos”, escrevia Leopold, no auge da corujice, em 1764, de Paris.

O que era razão de orgulho aos treze anos virou motivo de preocupação quando a menina chegou aos dezoito — idade de pensar em casamento. Assim, apesar de sua inequívoca destreza ao teclado, a autoridade paterna impediu-a de se apresentar em público em 1769. Embora Wolfgang apreciasse as composições da irmã, elas jamais eram mencionadas por Leopold, e nenhuma delas chegou ao dia de hoje. Resignada, Nannerl renunciou ao amor pelo capitão Franz d’Ippold, casando-se com o magistrado Johann Baptist von Berchtold zu Sonnenburg, o noivo preferido pelo pai.

Fez da música seu ganha-pão ao enviduar, em 1801, dando aulas de piano e ajudando os editores a localizar obras perdidas do célebre e saudoso irmão.

Fonte preciosa para os biógrafos do compositor, o diário de Nannerl e as cartas trocadas entre os irmãos atestam quão carinhosa era a relação entre eles. Um dos mais preciosos mimos de Amadeus à irmã é este *Divertimento K. 251* — um presente composto em cinco dias, para o 25º aniversário da moça, em 30 de junho de 1776.

Palavra de origem italiana, o *divertimento* normalmente designava música que deveria antes agradar o ouvido do que exprimir profundezas emocionais. Portanto, esperava-se riqueza melódica, com texturas leves, e pouco contraponto. Um *divertimento* deveria, assim, entreter executantes e ouvintes, podendo servir como música de fundo para ocasiões sociais, como reuniões ou banquetes.

Nannerl era fã do compositor Johann Gottfried Eckard (1735-1809), alemão radicado em Paris que a família Mozart conheceu em sua visita à capital francesa, em 1764. Foi possivelmente levando em conta o gosto da irmã mais velha que o compositor optou por dar à obra fisionomia decididamente afrancesada: daí a predominância do oboé (a orquestração inclui ainda um par de trompas, dois violinos, viola e contrabaixo) e o caráter galante que perpassa o *divertimento*. Se alguma dúvida restar quanto à filiação da obra, para dirimi-la basta ouvir sua última seção, que o compositor denomina, não por acaso, de *Marcia alla francese*.

MAKSoud  **PLAZA**

Um Marco de Hospitalidade e Elegância



Maksoud Plaza **Hospitalidade, Elegância e Serviço Impecável!**

APARTAMENTOS E SUÍTES | CENTRO GASTRONÔMICO 24 HORAS | 5.000 m² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS



Alameda Campinas, 150 - São Paulo - Brasil | Tel.: 11 3145-8000 | Toll Free: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br



JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Concerto para violoncelo nº 1 em dó maior, Hob: VIIb/1

Classificado como o baixo da família dos violinos, o violoncelo é hoje um instrumento nobre, louvado principalmente pelas qualidades cantantes, que o fazem ser considerado por alguns o artefato que melhor imita a voz humana. Porém, no cenário austro-alemão da música, no século XVIII, seu papel era de coadjuvante. Tendo como exceção as seis suítes solo de Bach, o *cello* (como é carinhosamente designado) aparecia em música de dança ou, então, no contínuo, o pequeno grupo responsável pelo acompanhamento harmônico no período barroco. A situação modificou-se gradualmente na segunda metade do século, graças sobretudo ao violoncelista e compositor alemão Anton Fils (1733-60), ativo em Mannheim, centro de excelência orquestral do período, que criou diversas peças para seu instrumento. Mesmo assim, nem Mozart, nem Beethoven escreveram concertos para violoncelo: o único grande nome do classicismo vienense a conferir ao *cello* o papel de solista exclusivo em obras concertantes foi Haydn.

Grças ao minucioso catálogo mantido pelo compositor, sabia-se que ele havia finalizado duas peças no gênero. Contudo, até cinquenta anos atrás, apenas uma delas, na tonalidade de ré maior, circulava — a outra era considerada perdida. Foi só em 1961, em Praga, que o musicólogo tcheco Oldrich Pulkert localizou uma cópia da partitura que ouviremos hoje: o *Concerto para violoncelo em dó maior*, de Haydn, publicado em 1962 e reestreado no mesmo ano — dois séculos após sua composição — pelo violoncelista Milos Sádlo, acompanhado pela Orquestra Sinfônica da Rádio Tcheca, regida por Sir Charles Mackerras.

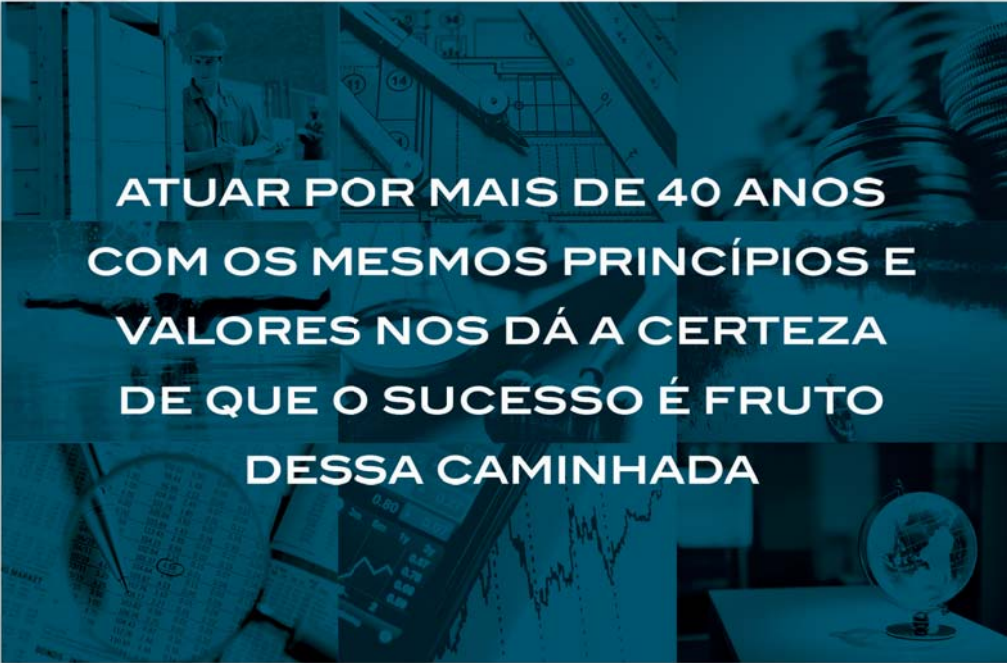
A obra foi escrita em Esterháza, palácio localizado no oeste da Hungria, em um vilarejo hoje chamado de Fertöd. Entre 1766 e 1790, o edifício, em estilo rococó, e por vezes designado como “Versalhes húngaro”, foi a residência do príncipe Nikolaus Esterházy (1714-90), apelidado “O Magnífico”, que mantinha no local uma orquestra de treze a quinze músicos (a partir da década de 1780, somavam 24), teatro de marionetes e uma casa de ópera. Esterháza funcionou como centro das atividades musicais de Haydn ao longo de três décadas (1761-90). O concerto que ouviremos hoje data do período inicial (1761-65), quando seu autor ocupava o cargo de *Vizekapellmeister* (diretor musical adjunto) do palácio, e foi provavelmente escrito para Joseph Weigl, violoncelista da orquestra entre 1761 e 1769.

Haydn já demonstrara interesse nas possibilidades solistas do violoncelo em algumas de suas sinfonias dessa época, como as de nº 6, 7, 8 e 15; no concerto, emprega vocabulário técnico similar ao utilizado por Fils, exigindo do solista boa dose de virtuosismo, sobretudo no último movimento, enquanto no *Adagio* (em que os sopros — dois oboés e duas trompas — se calam) coloca o instrumento para cantar, demonstrando o dom melódico do qual se serviria nas diversas óperas escritas para o teatro de Esterháza.

JEAN-PHILIPPE RAMEAU (1683-1764)

Les boréades (suíte)

Reflexo de uma sociedade polarizada, a música francesa viveu diversos embates públicos ao longo do século XVIII, e Rameau, personagem-chave do cenário cultural de seu tempo, viu-se no centro de pelo menos dois deles. Na década de 1730, a briga era entre “ramistas” (seus partidários) e “lullistas”



ATUAR POR MAIS DE 40 ANOS
COM OS MESMOS PRINCÍPIOS E
VALORES NOS DÁ A CERTEZA
DE QUE O SUCESSO É FRUTO
DESSA CAMINHADA

MACHADO MEYER

MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

WWW.MACHADOMEYER.COM.BR

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO BRASÍLIA PORTO ALEGRE BELO HORIZONTE NOVA YORK

— que viam no compositor em ascensão uma ameaça às óperas de seu ídolo, Jean-Baptiste Lully (1632-1687), tido como o iniciador do estilo nacional francês. Duas décadas mais tarde (1752-54), de contestador, Rameau passara a figura do *establishment*, questionado pelos enciclopedistas que, sob a liderança de Rousseau, opunham à complexidade de suas tragédias a simplicidade da ópera-bufo italiana, na assim chamada *Querelle des Bouffons* (Querela dos Bufos).

Importante não apenas como músico mas também como teórico, Rameau assumiu relativamente tarde esse papel de protagonista. Pouco se sabe das quatro primeiras décadas de sua existência, transcorridas praticamente na obscuridade, na província francesa. O certo é que o compositor nascido em Dijon lançou sua carreira apenas em 1722, quando chegou a Paris para inspecionar a revisão de seu *Tratado de harmonia*.

Sua estreia na ópera foi ainda mais tardia: a primeira audição de *Hippolyte et Arice* ocorreu apenas em 1733, quando o compositor, radicado havia dez anos na capital, já tinha meio século de vida. Isso não o impediu, contudo, de se tornar um dos mais prolíficos e relevantes autores de música para o palco na França de seu tempo. Batalhando pelo resgate das então esquecidas obras de Rameau, no começo do século XX Debussy enalteceria sua “pura tradição francesa”, feita de “ternura delicada e encantadora, de acentos justos, de declamação rigorosa na narração”.

Hoje ouviremos a suíte de *Les boréades*, cujo título pode ser traduzido como “Os descendentes de Bóreas”, deus grego do vento norte, portador do inverno. A trama gira em torno da obstinação de Alphise, rainha da Bactria, em se casar com Abaris,

rejeitando os pretendentes da estirpe de Bóreas. Rameau era um respeitável octogênio quando a partitura começou a ser ensaiada na Ópera de Paris, em 1763, para apresentação privada na corte, em Choisy. Por razões desconhecidas, contudo, a performance foi suspensa; o compositor faleceu no ano seguinte, e a música de *Les boréades* acabou esquecida. Há notícias de uma realização em concerto na década de 1770; depois disso, sabe-se apenas da execução de trechos da ópera em Paris, em 1896. Após novo hiato, como parte das celebrações do bicentenário de Rameau, *Les boréades* foi transmitida pela ORTF em 1964, com a primeira produção no palco ocorrendo apenas em 1982, no Festival de Aix-en-Provence.

Les boréades é uma *tragédie en musique* (ou *tragédie lyrique*), gênero criado por Lully para refletir tanto a opulência da corte de Luís XIV quanto a preferência do monarca pela dança. Assim, a seleção de música instrumental da ópera de Rameau traz aberturas e entreatos, além de vários números coreografados. Enriquecida pelo uso de clarinetes (novidade na época), a paleta orquestral do compositor é colocada a serviço não apenas de árias e danças, mas também na descrição de diversas situações dramáticas, como cenas de caça (empregando trompas, como se tornou convenção) e a fúria de Bóreas (utilizando as flautas e uma engenhoca conhecida como máquina de vento).

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

**Sinfonia nº 44 em mi menor,
Hob: I/44 “Fúnebre”**

O primeiro livro sobre música editado no Brasil foi *Notícia histórica da vida e das obras de José Haydn*, do francês Le Breton, que

saiu no Rio de Janeiro, em 1820. Ora, tal publicação — ocorrida em um país periférico cujo gosto dominante era a ópera italiana, a léguas de distância do classicismo vienense — constituía sintoma inequívoco da difusão internacional da reputação do compositor. Um outro fato ainda, entre inúmeros outros, ilustra seu sucesso de estima: no último ano da existência do compositor, em 1809, a cidade em que ele vivia, Viena, estava sendo assediada e bombardeada pelas tropas napoleônicas; pois bem: apesar da guerra, Napoleão ordenou que uma guarda de honra fosse colocada à porta da casa de Haydn, para protegê-lo.

Reverenciado em seu tempo por imperadores, o compositor hoje é reconhecido como um dos fundadores da música como a ouvimos e praticamos. Atribui-se a ele a criação de gêneros instrumentais que hoje são centrais em nossa vida de concertos, como o quarteto de cordas e a sinfonia. Embora, a rigor, Haydn não tenha criado esta última forma de expressão, ele costuma ser considerado o “pai da sinfonia”: não há outro segmento da música ocidental em que a produção de um único compositor tenha atingido tal dimensão, quer em termos quantitativos, quer em qualitativos, quer de relevância histórica.

Em 1766, Haydn ascende a diretor musical (ou seja, *Kapellmeister*) dos Esterházy, tendo como atribuição tanto o comando (a partir da estante do primeiro violino, posto que a prática de reger com batuta ainda não vigorava) da orquestra, como a produção de obras vocais, sacras e profanas, de grande escala — incluindo óperas. Na música sinfônica, sua produção entra em uma fase que alguns comentadores classificam de *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), devido a algumas analogias estilísticas com o movimento literário protorromântico germânico

do qual era contemporânea, e do qual participaram escritores do peso de Goethe e Schiller. A característica mais citada dessas obras é a tonalidade em modo menor, de uso bastante restrito durante o classicismo. Das mais de cem sinfonias de Haydn, apenas dez são em menor — dentre essas, seis datam de 1765-72, o período *Sturm und Drang*, incluindo a que ouviremos hoje, a de nº 44, em mi menor.

Finalizada em 1772, ela recebeu a denominação de *Trauersinfonie* (algo como “Sinfonia do luto”, ou “Sinfonia fúnebre”), já que o compositor teria determinado que ela fosse executada em seu funeral. Parece que o *Adagio* foi efetivamente tocado em um concerto em memória de Haydn, em Berlim, em 1809; embora não haja comprovação a respeito da veracidade da anedota, a alcunha acabou pegando. Um dos maiores estudiosos do compositor, H. C. Robbins Landon descreve a sinfonia como “altamente carregada”, com um movimento de abertura “contrapontisticamente estendido”, seguido por um minueto “escrito como um cânone estrito entre as linhas de cima e de baixo”. Não obstante o movimento lento das sinfonias normalmente fosse o segundo, ficando o minueto como o terceiro, Haydn aqui troca-os de posição. O *Adagio*, em tonalidade maior (mi), com as cordas em surdina, é classificado por Robbins Landon como celestial; já o *Presto* ganha do musicólogo a descrição de “mais concentrado e avassalador movimento *Sturm und Drang* que Haydn escreveu”. O romantismo parecia estar batendo à porta. Porém, a exemplo de Goethe e Schiller, o compositor não adotaria a retórica que hoje identificamos como romântica, abandonando logo em seguida esse estilo tenso e dramático, em favor de modos de expressão mais líricos e equilibrados.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Patrícia Moraes
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Ricardo Becker

Superintendente
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder
Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Milú Villela
Aluizio Rebello de Araújo
Antônio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Marcelo Kayath
Pedro Herz
Plínio José Marafon

Conselho Consultivo
Alfredo Rizkallah
Hermann Weber
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz

PROGRAMA DE SALA — EXPEDIENTE

Supervisão geral
Sílvia Pedrosa
Edição
Maria Emília Bender
Projeto gráfico
Paulo Humberto Ludovico de Almeida
Editoração eletrônica
Ludovico Desenho Gráfico
Fotos da capa
Marcel van de Broek (Combattimento)
Divulgação (Viersen)
Assessoria de imprensa
Gabinete de Comunicação

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Diretora Musical e Regente Titular (2012-2016)
Marin Alsop
Regente Associado (2012-2016)
Celso Antunes
Regente Convidado de Honra (2012-2013)
Yan Pascal Tortelier
Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Organização Social de Cultura

Presidente de Honra
Fernando Henrique Cardoso
Presidente do Conselho de Administração
Fábio Colletti Barbosa
Vice-Presidente do Conselho de Administração
Heitor Martins
Diretor Executivo
Marcelo Lopes
Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing
Carlos Harasawa Diretor
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Ângela Sardinha
Cristiano Gesualdo
Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

Apoio a Eventos
Felipe Lapa

Departamento Técnico
Ronald Góes Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Erik Klaus Lima Gomides
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas

Iluminação
Carlos Eduardo Soares da Silva
Pedro Barreto de Souza

Sonorização
Fabio Tsuneo Sena Santos Miyahara

Montagem
João André Blásio
Rodrigo Batista Ferreira

Controlador de Acesso
Sandro Marcello Sampaio de Miranda Encarregado

Indicadora
Sabrine Ferreira Encarregada

REALIZAÇÃO



Cultura
artística

1
2013

23 e 24 de abril

**ORQUESTRA SINFÔNICA
DE MONTREAL**

KENT NAGANO Regência

6 e 7 de maio

YO-YO MA Violoncelo

KATHRYN STOTT Piano

23 e 24 de maio

**ORQUESTRA DE CÂMARA
FRANZ LISZT**

EMMANUEL PAHUD Flauta

2 e 5 de junho

QUARTETO BORODIN

24 e 25 de junho

**ORQUESTRA REAL
DO CONCERTGEBOUW**

MARISS JANSONS Regência

DENIS MATSUEV Piano

29 e 31 de julho

PIOTR ANDERSZEWSKI Piano

31 de agosto e 1 de setembro

JOSHUA BELL Violino

ALESSIO BAX Piano

18 e 21 de setembro

GABRIELA MONTERO Piano

19 e 20 de outubro

**ORQUESTRA SINFÔNICA
FINLANDESA DE LAHTI**

OKKO KAMU Regência

2 e 6 de novembro

**COMBATTIMENTO
CONSORT AMSTERDAM**

QUIRINE VIERSEN Violoncelo

Datas e programação sujeitas a alterações.

BLOCO DE NOTAS

Gioconda Bordon

gioconda@culturaartistica.com.br



ÚLTIMO CONCERTO DE 2013

O concerto desta noite encerra a temporada de 2013. O conjunto Combattimento Consort Amsterdam vai interpretar obras de dois compositores fundamentais para o desenvolvimento da música ocidental: Haydn e Mozart. Completa o programa a suíte *Les boréades*, de Jean-Phillipe Rameau — que, embora seja o nome mais importante do barroco francês, está bem próximo do classicismo, segundo muitos pesquisadores. Assim, a série da Sociedade de Cultura Artística conclui o ano com um repertório clássico por excelência, tendo apresentado peças de autores que representam as bases da tradição musical que orientaram todos os expoentes das épocas que se seguiram, como o romantismo, o modernismo e a música contemporânea. Nosso último encontro nos remete ao período em que os compositores já pensavam em um público fora dos domínios fechados das cortes aristocráticas, ainda que todos eles, Rameau, Haydn e Mozart, trabalhassem para importantes membros da aristocracia e da Igreja.

As salas de música surgem no século XIX para acolher nobres e burgueses arrebatados pelas sinfonias e concertos românticos, tendência que se observa ainda hoje — gran-

de parte dos programas dos teatros e salas do mundo inteiro tem como base obras de autores do período romântico, pós-romântico e moderno. A temporada que termina hoje não fugiu à regra: abrimos 2013 com Wagner, Brahms e Berlioz; seguimos com excelentes orquestras e solistas que percorreram este caminho (às vezes se desviando um pouco...) mais afinado ao gosto do público. Apenas a Orquestra de Câmara Franz Liszt, acompanhada pelo flautista Emanuel Pahud, interpretou um programa totalmente barroco, quebrando a tendência sonora que privilegia românticos e pós-românticos. E agora, para concluir esta notável temporada de concertos internacionais, temos uma noite quase que exclusivamente clássica, período em que a música estabelece e refina as formas de seu discurso com desenvoltura e segurança, com clareza e elegância; uma época ainda distante do desejo de romper com as regras formais para dar conta da necessidade expressiva.

Em nome da Sociedade de Cultura Artística agradeço a presença de todos, desejando que vocês estejam conosco em 2014.

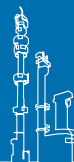
Ótimo concerto a todos!

O ULTRA FOI ELEITO A QUARTA EMPRESA MAIS ADMIRADA DO MUNDO NO SETOR ENERGÉTICO, CONSEQUÊNCIA DE UM TRABALHO DE MAIS DE 75 ANOS.

O Ultra continua crescendo de maneira consistente devido à sua cultura pautada pela governança corporativa, inovação e sustentabilidade. E a maior prova de que essa receita é um sucesso, além de todos os prêmios e reconhecimentos, são os resultados alcançados, como a superação da marca de 28 trimestres consecutivos de crescimento do EBITDA.



IPIRANGA



OXITENO



ULTRACARGO



ULTRAGAZ





INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com